

Ler é fazer uma «uma viagem»

Leitura é um ato de «peregrinação»

Daniel Jonas, Inês Fonseca Santos, José Mário Silva e Maria Fernandes tiveram uma conversa poética, ontem, moderada pela jornalista Susana de Figueiredo.



Quatro poetas estiveram a debater o tema: «Ser deixado sozinho é a coisa mais preciosa que se pode pedir do mundo moderno».

POESIA

Cláudia C. Sousa

claudiasousa@jm-madeira.pt

Foi uma conversa poética aquela que decorreu ontem, a partir das 18 horas, no Teatro Municipal Baltazar Dias, ou não estivessem reunidos em painel quatro poetas, Daniel Jonas, Maria Fernandes, José Mário Silva e Inês Fonseca Santos, numa tertúlia moderada pela jornalista Susana de Figueiredo.

O tema da conversa foi «Ser deixado sozinho é a coisa mais preciosa que se pode pedir do mundo moderno», frase do escritor britânico Anthony Burgess e que remeteu para a necessidade do poeta procurar a solidão para escrever, tarefa difícil num mundo em estado líquido, como diria Bauman, carregado de estímulos que nos obrigam à ditadura do «on», inerente à web,

tema central do Festival Literário deste ano.

Neste sentido, José Mário Silva afirmou que o poeta «tem de se adaptar ao novo tempo», sendo que a temporalidade tem um «efeito paradoxal». Por um lado há um «acesso mais rápido à informação», mas, por outro lado, esse mesmo tempo e essa mesma informação «engole-nos».

O jornalista e escritor disse também que a «poesia é uma arte lenta» e que exige por isso uma «lentidão» e um recolhimento que não se coaduna com a rapidez e com o imediatismo da sociedade em que vivemos.

Inês Fonseca Santos disse, a este propósito, que o seu tempo «é o da espera». A poesia, para a autora, tem um tempo próprio que obriga a uma espera incessante. Cada poema, para esta poeta, precisa de «pousar» antes de existir.

De facto, Inês Fonseca Santos reconhece que escrever poesia é um «trabalho interior que per-

“

A poesia pode não servir para nada, mas para mim inquieta-me. Eu preciso dessa inquietação para compreender-me melhor».

mite reparar nas palavras».

A poeta Maria Fernandes concordou com as afirmações da colega de painel, acrescentando que essa espera é feita de «observação e de depuração até ao momento da criação».

«É um trabalho oficial», disse a poeta madeirense, vincando que a solidão está de facto intrínseca ao ato de poetizar.

Daniel Jonas, por seu turno, referiu que a literatura - embora no momento de criação exija algum recolhimento - é, em última análise, um ato de partilha e de comunicação.

«A literatura é uma fuga à insularidade. Nós não somos isolados. Escrevemos porque queremos partilhar», disse o poeta, sublinhando também que a poesia é um exercício de procura, principalmente quando se trata de fazer traduções. Neste ponto, Maria Fernandes concordou com Daniel Jonas, e disse que a tradução é um «mergulho nas entranhas de um texto de outro autor».

«Fazer uma tradução é como

fazer uma viagem. É recriar. É tentar encontrar o mesmo sentimento transposto numa outra língua», realçou a poeta.

Daniel Jonas disse, por isso, que «ser um leitor é ser um peregrino».

«É uma prova de «endurance» (resistência). É uma limpeza interior. Por isso a poesia escolhe os seus leitores».

Neste ponto, os quatro poetas dissertaram sobre a utilidade ou inutilidade da poesia, e o facto de serem poucos aqueles que conseguem ler textos líricos. «As pessoas estão desabitadas ao pensamento», disse Maria Fernandes. Já José Mário Silva afirmou que a poesia exige «uma descodificação» e que, por isso mesmo, o poeta não deve «facilitar a vida ao leitor».

Por fim, a escritora Inês Fonseca Santos afirmou que «a poesia pode não servir para nada, mas a mim inquieta-me. Eu preciso dessa inquietação para compreender melhor a mim e aos outros». JM



DIVISÃO DE
CULTURA E TURISMO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E CULTURA

